EEDMAND INCONALISTA

Director e Editor, ANTÓNIO-LINO

Redacção e Administração: Rua de Santo António, 84 Composição e impressão: Tipografia "Minerva" — Famalicão Propriedade da Emprêsa Editora Vimaranense

A' MARGEM

QUANDO APARECEMOS nas lides do jornalismo e tomamos as responsabilidades de o orientar traziamos já um programa a seguir, um caminho a trilhar.

Sabiamos por experiência, as dificuldades que teríamos de vencer, os combates que teríamos de travar. Mas nem as lutas nem as dificuldades nos demoveram do nosso propósito.



TRAZIAMOS UM PROGRAMA a cumprir, o nosso caminho seria sempre em frente, custasse o que custasse. Se tivessemos sido arrangistas, não cultivassemos a verdade mas a hipocrisia — maleáveis, sem personalidade, ao sabor do primeiro vento que aparecesse — talvez não fôsse tam dura a luta a travar.

Mas primeiro colocamos à coerência dos nossos princípios e dos nossos actos, a nossa consciência.



OFERECER-SE A QUEM DÁ mais será saber vegetar, mas não é viver, limpa e honradamente. E não nos faltaram compradores da nossa pena!

Numa terra onde até parece que só a má lingua encontra ambiente, ludo o que seja correcto, firme, leal e desassombrado, aflige os caracteres dúbios.



ASSUMIR AS SUAS RESPONSA-BILIDADES como nós o fazemos sacrifícios e boa vontade— e já o jornal seria o que nós queremos e o que êles querem; e bem sabemos que muitos dizem que querem e desejam, no fundo, que o não seja.

Acima de tudo a verdade, dôa a quem doer — é o nosso lema. Bem sei que os cobardes não compreendem a lealdade: a insídia, a piada de galeria, o baixo insulto é que éles compreendem.



A GIMNÁSTICA SUPERIOR do espírito, condenar o que há a condenar, defender o que há a defender, mas abertamente, duma maneita lógica, leal sincera — verdadeira — não encontram interêsse na sua inteligência, nem lhe prestam um minuto de atenção.

Os mortos mandam

1 de Janeiro frio, chuvoso e triste...

Se não soubera que amanhã há festa e sol, não viria conversar contigo, Alma Portuguesa.

Como serão lindas as Comemorações Centenárias! Como encherão de júbilo a tua alma e a minha! Vai-te enfeitar. Tira do bragal as melhores pecas!

Veste o teu traje garrido de romeira! Põe as tuas arrecadas de ouro, pendura do colo as tuas contas brilhantes, faz sobressair no peito o teu coração de filigrana! Vem comigo, bela peregrina, que os caminhos são planos e há sombra das ramagens! Por tôda a Nossa Terra há repicar festivo de sinos! No ar pairam já hosanas de glória, cânticos de júbilo!

Vem; caminhemos «cantando e rindo» e... rezando.

Guimarãis, bêrço da Nacionalidade!

Naquela colina, naquele castelo, nasceu a Pátria e tu nasceste. Inclina-te reverente ante as vetustas pedras que abafaram os teus primeiros vagidos de criança. Recolhe-te no meio dêste marulhar de apoteose que, de onda em onda, de vaga em vaga, atingirá os confins do Império!

Parte, embora a deixes com saüdade...

Outros canteiros do jardim reclamam a tua presença.

Braga, cidade santa da Revolução!

Colhe as mais belas flores — que cheiram a rosmaninho e alfazêma e têm os tons alacres dum arraial de S. Joãó.

Coloca-as piamente nos túmulos daqueles que primeiro deram o seu esfôrço pela Pátria!

Parte de novo...

Coimbra! Não te demores a contemplar as águas feiticeiras do Mondego mas caminha devagar pelo Choupal onde há belos trinados de rouxinóis. Um gemido passa... E' dá bela Inez, «a mísera e mesquinha que depois de morta—morta por seu engano de alma lêdo e cego—foi raínha».

Santa Clara! Raínha Santa — flores e pão do Seu carinho! Beija as pedras onde repousam os ossos do nosso primeiro Rei!

Alcobaça! Batalha! Sinto que rezas pelas contas afiligranadas dêsse grandioso «rosário de pedra».

Lisboa... de Santo António! Vai até aos Jerónimos...

Escuta, através do mármore dos túmulos, o palpitar forte das cinzas dos heróicos navegantes e dos poetas.

Ouve a sua voz portentosa:

«Estamos satisfeitos. Queremos agora repousar no solo bemdito da Pátria que Nós tornamos grande. A herança que vos legamos será mantida e reforçada»...

E êles repousarão. Os mortos mandam.

1 de Janeiro do ano das Comemorações Centenárias...

ANTÓNIO JOSÉ.

A' MARGEM

DAÍ TODOS OS MAL ENTENDI-DOS, tôdas as insídias, calúnias, intrigas — são os processos deles que querem ver nos outros — tôdas as campanhas derrotistas e miseráveis.

Destruir só pelo prazer de destruir, de achincalhar, de deita-abaixo. Nunca foi o seu fito alcançar uma finalidade construtiva. E' isso mes-

o que nos define e que nos separa.



DEPOIS, DERROTISTAS, NÓS?... Se foi preciso demolir os vélhos fetiches demo-liberais e arranear os ídolos maçónicos foi para, de novo, erguer a cruz cristã, e seguir de novo, restaurando-o, o verdadeiro caminho de que andavamos arredados pela mão dos falsos profetas.



SEMPRE FOI com uma finalidade construtiva e sã — defendendo a Verdade — que demolimos e demoliremos o que há e é preciso que se destrua o mais depressa possível. Derrotar, sim, o que há de mau... para em seguida erguer o que é preciso que se erga — fazer o que há a a fazer.



QUE ACABE O REINADO dos videirinhos é o nosso desejo e a nossa intenção na luta. Que cada um assuma as responsabilidades dos seus actos, que se apresente tal qual é e não com tantas casacas quantas as variedades de banquetes a que a assiste.



QUE CADA UM afirme a sua posição, mas que a sua personalidade, seja coerente com a sua vida, no seu pensamentó e nas suas palavras. Que todos prendam ao pelourinho os camaleões de tôdas as qualidades e admirados, verão que a calma necessária a tôda a obra construtiva reaparecerá.

"Ressurgimento"

Têm feito transcrições do nosso semanário os camaradas de Imprensa O Setubalense, A Verdade, de Alenquer; A Opintão, de Oliveira de Azemeis; Ecos de Álcoa, de Alcobaça. Agradecemos.

DACIDADE

MINITED PROPOSTAS

Aniversários

Janeiro, 7 — Dr. João de Almeida. Terça-feira, 9 — D. Helena Maria Cardoso de Menezes (Margaride).

Sabado, 13 — Viscondessa de Pindela. Terça-leira, 16 — Luiz Augusto Roque Martins.

Quinta-leira, 18 — D. Maria Constança Vaz Nápoles de Freitas.

Capitão Henrique Galvão

A tratar de assuntas sôbre as Festas Centenárias esteve de novo nesta cidade o sr. capitão Henrique Galvão.

Zuzarte de Mendonça

Esteve bastante doente, encontrando--se felizmente melhor, o nosso colaborador e distinto escritor sr. Zuzarte de Mendonça, Filho. Os nossos desejos de pronto restabelecimento.

Vida religiosa

Na sexta-feira, pelas 18 horas, principiou, na igreja de S. Dâmaso, a novena preparatória para a imponente festividade que, no día 21 do corrente, ali se realiza, em honra do Mártir S. Sebastião. *E' feita a vozes e órgão.

Aos mancebos

Os mancebos que até 31 de Dezembro de 1939 completaram 19 anos de idade, são obrigados a participar à Câmara, durante o corrente mês, que chegaram à idade de serem inscritos no recenseamento militar.

Igual participação deve ser feita pelos pais, tutores ou pessoas de quem os mesmos dependam.

A falta desta obrigação corresponde à pena de 20 a 50 escudos de multa.

Rua de Paio Galvão

Encontrando se concluído o calcetamento e os passeios e montada a iluminação eléctrica, quando é que se faz a sua ligação? Assim como está não pode ficar eternamente.

Os passelos foram já feitos com as juntas de dilatação mas esqueceram-se de as preencher com alcatrão.

Falecimentos

Na Cruz d'Argola faleceu a sr.* D. Emilia Rosa Fernandes, proprietária, de 72 anos de idade,

A extinta era mai das sr. s. D. Gloria e D. Olinda Fernandes de Abreu e dos srs. José e Manuel Fernandes de Abreu.

Pêsames à família.

— Em casa do sr. Moisés da Silva, à rua do Anjo, faleceu, com 81 anos, a sr." D. Elisa do Sacramento Morais Lima, viúva do saúldoso vimaranense sr. António Joaquim Pereira.

A extinta, que era muito considerada e muito caritativa, legou o remanescente da sua herança à Venerável Ordem Terceira de S. Domingos, desta cidade, com a obrigação de cumprir, no prazo de dois anos, os seguintes legados: 20 contos ao Hospital da Ordem Terceira de S. Francisco e I conto à Creche; 10

contos, Hospital da Misericórdia e I conto ao Asilo dos Inválidos, a cargo da Santa Casa da Misericordia de Guimarãis; I conto à Casa dos Pobres; idem, ao Asilo de Santa Estefania; idem, à Ordem do Carmo; idem, à Irmandade de S. Sebastião, erecta na igreja de S. Dâmaso; idem, às Oficinas de S. José; idem, à Irmandade de Nossa Senhora do Carmo, da Penha; idem, à Conferência de S. Vicente de Paula, homens e mulheres; idem, à Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários; idem, à Irmandade dos Santos Passos; idem, ao Asilo de Mendicidade.

O funeral realizou-se na capela da Veneravel Ordem Terceira de S. Domingos, tendo assistido às homenagens funebres, além de tôda a família do sr. Moisés da Silva, as Mesas Administrativas das instituições de caridade que foram beneficiadas pela extinta.

Findo os responsos de sepultura foi o cadáver transportado ao cemitério de Atouguia, ficando inumado em jazigo de família.

Movimento obituário

No cemitério da Atouguia houve, no mês de Dezembro findo, o seguinte movimento:

Adultos, sexo masculino, 7; idem, feminino, 10; adolescentes, sexo masculino, 11; idem, feminino, 4.

Funcionário aposentado

Foi últimamente aposentado o sr. José Joaquim Pereira da Costa, que durante muitos anos desempenhou o cargo de informador fiscal de 1.º classe nesta comarca.

Furto

Pelo sr. coronel Alcino Machado foi apresentada queixa à polícia contra certos indivíduos que, da propriedade que possue em S. Romão de Mesão Frio, dêste concelho, lhe furtaram seis nogueiras.

Incumbida das necessárias investigações a P. S. P. apurou que os autores do referido furto foram: António Rodrigues, jornaleiro, residente na mesma freguesia, e Francisco Fernandes, solteiro, ferreiro, também da mesma freguesia de S. Romão de Mesão-Frio, os quais levaram as nogueiras para a freguesia de Lordelo.

Sociedade

Encontram-se entre nós os engenheiros-geógrafos srs. Horácio Góis, Mário Cunha e João Delgado, que em serviço da Sociedade Portuguesa de Levantamentos Aérios estão a fazer estudo para o levantamento topográfico desta cidade. Um avião do Aero Club de Braga andou esta semana a tirar fotografias para o mesmo fim.

— Partiram para a capital, de regresso de férias, os srs. engenheiro Duarte Amaral, aspirante de aeronáutica Carlos Amado, cadete da Escola do Exército Gaspar Amaral, aspirante de engenharia Gualdino Matos, alunos universitários: António Cruz, António de Sousa Carvalho e Joaquim Miranda.

- Para o Pôrto, o arquitecto José António Sequeira Braga, o aluno de arapresentadas e discutidas em sessão camarária de 27 de Dezembro de 1939

Tendo o sr. presidente apresentado para discussão e aprovação o projecto de orçamento ordinário, receita e despesa da Câmara para o ano económico de 1940, que vinha sendo estudado em sessões anteriores, o vereador sr. dr. José Maria Pereira de Castro Ferreira, apresentou a proposta que Ressurgimento publicou no seu último número, sôbre os Palheiros.

Feita a leitura da proposta o sr. presidente declarou que logo que tomou posse da presidencia da Câmara foi a Lisboa como oportunamente informára, chamado por s. ex.ª o sr. ministro das O. P. e C. a quem apresentou o projecto elaborado, salvo êrro, pelo arquitecto sr. José Marques da Silva, de uma grande avenida de acesso aos Paços dos Duques de Bragança e Castelo, que ocupava uma parte do leito da Estrada Nacional n.º 11 2.ª (Palheiros); e que s. ex.ª não só lhe tinha declarado que não concederia a comparticipação que na ocasião lhe pediu para a execução desse projecto, mas foi muito mais longe, declarando de uma maneira muito terminante, que não consentia que essa obra se fizesse, visto ela ocupar terrenos, em parte, pertencentes ao Estado. Em face disso, pediu a s. ex.ª que pela Junta A. das E. mandasse proceder ao alargamento e pavimentação da referida estrada, pelo menos até à altura dos Paços dos Duques de Bragança. Sem nada prometer, s. ex. disse que pensaria no caso para resolver de harmonia com os interêsses do Estado e do Município.

Como não tivesse conhecimento dessa resolução ter sido tomada, encontrou-se com o sr. director das O. P. do distrito e pediu-lhe para conseguir que na grande reparação da estrada de São Torcato, ficasse incluído o troço dos Palheiros, de maneira que a obra dêsse local estivesse concluída até à cebebração das festas Centenárias nesta Cidade.

Pediu também ao sr. capitão Henrique Galvão o obséquio de interceder junto de s. ex.ª o sr. ministro das O. P, e C. para que essa obra se iniciasse imediatamente. E por uma comunicação há poucos dias recebida do sr. capitão Henrique Galvão, crê que s. ex.ª está na disposição de mandar proceder a essa obra, sendo até certo que o sr. capitão H. G. lhe disse telefônicamente que tendo de vir a Gulmarãis no dia 28 do corrente, ou seja amanhã, detalhadamente informaria do que sôbre tal assunto se passou.

quitectura Francisco T. Mendes e de engenharia Alberto Guimarâis.

— Acompanhada de sua mãi regressou a esta cidade a sr.ª D. Clotilde Ramos, ilustre professora do nosso Liceu.

 Foi colocado na nossa Escola Industrial o aluno do Curso Superior de Pintura da Escola de Belas Artes do Pôrto e nosso conterrâneo sr. António de Sousa Oliveira

António de Azevedo

Temos recebido algumas palavras de apoio sôbre as notas que escrevemos sôbre êste artista, no nosso número 39, acêrca da Escola Industrial.

Eis a razão porque não inseriu, nem podia inserir, no orgamento em discussão qualquer verba destinada à obra a que a proposta apresentada se refere. Deve ainda declarar que ninguém tem mais empenho do que êle em ceder para edificações, nomeadamente à cooperativa «O Problema da Habitação» os terrenos expropriados, mas que essa cedência so poderá fazer-se depois de se ter assentado definitivamente na obra que o Estado ou a Câmara resolveu executar, a fim de poderem ser dados os respectivos alinhamentos. Nesta proposta pretende--se no orçamento em discussão que se inclua a verba de 150 contos para o estudo e inicio dessa obra, mas não se diz que verbas de despesa se hão-de excluir do orçamento apresentado, ou que verba se há-de inserir na receita para fazer face a esta despesa. Mas seja como fôr, entendo que a Câmara não se deve pronunciar sôbre essa obra, emquanto não souber o que o Estado vai fazer.

Em resposta às declarações do sr. presidente, o sr. vereador dr. Castro Ferreira, declarou só agora ter tomado conhecimento de tôdas as «demarches» do sr. presidente da C. neste sentido, mantem a sua proposta porque o simples alargamento da estrada dos Palheiros, não resolve os assuntos nela tratados, Propõe mais que a verba a que se refere a proposta seja reduzida para 80 contos e que a verba da alinea 9 do art. 79 do orçamento proposto, seja reduzida para 100 contos e a verba da alinea 15 do mesmo artigo seja eliminada. Votaram contra as propostas do vereador sr. dr. Castro Ferreira, os srs. presidente e vereadores António José Pereira de Lima e José Moreira de Sá e Melo; e a favor, além do proponente, os vereadores sis. dr. Augusto G. Ferreira de Castro da Cunha e Joaquim da Silva Ferreira Monteiro. Usando da faculdade que lhe confere o § 1.º do artigo 291, do Cód. Adm. o sr. presidente desempata a favor dos que rejeitaram a proposta. Voltouse em seguida à discussão do orçamento ordinário da receita e despesas da Câmara para o ano económico de 1940, cuja receita soma a quantia de sete mil e vinte e quatro contos e novecentos e trinta e um escudos, e a despesa igual importancia. Depois do sr. presidente ter exposto verba por verba, tanto da recelta como da despesa, explicando, assim, a sua confeccionação e de ter sido devidamente discutido, foi aprovado por maioria, lancando-se o acordão para que val ser assinado e é do teor seguinte: A Camara M. de Guimarais aprovou por maio ria o presente orgamento ordinário de receita e despesas da Câmara para o ano económica de 1940. " - Votaram o presente orçamento ordinário de receita e despesas da C, nos prec sos termos em que foi apresentado, sem qualquer modificação, além do sr. presidente, os vereadores sr. António José Pereira de Lima e José R. Moreira de Sá e Melo.

Declararam não votar o referido orcamento, em virtude de terem sido rejeitadas as propostas relativas ao mesmo, apresentadas nesta sessão pelo dito vereador o sr. dr. Castro Ferreira, e so por esse motivo, êste sr. vereador e mais os srs. vereadores dr. Augusto Fer-

Sindicato Nacional dos Operários da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede em Guimarais

Sob a presidência do sr. Manuel Magalhāis, reuniu, no dia 10 do corrente, a direcção do Sindicato Nacional dos Operarios da Indústria Textil do Distrito de Braga, com sede em Guimarãis, estando presentes os srs. Francisco Gomes Alves Ferreira e Manuel de Araújo, respectivamente, tesoureiro e secretário.

Depois de ser lida, pelo sr. João de Almeida Lopes, chefe da secretaria, a acta da sessão anterior - que foi aprovada -, deu-se despacho ao vário ex-

pediente recebido.

Em seguida, o sr. presidente, informou os seus colegas, estar na boa disposição de estender, durante o ano corrente a acção do Sindicato que vem presidindo, sobretudo no que diz respeito a Assistência, pois, pretende empregar os seus melhores esforços para a realização do vasto programa que pretende elaborar o mais depressa possível, para assim, ver satisfeitas as aspirações dos associados, a quem vem dedicando imenso carinho.

Acêrca dêste assunto, aliás interessante, usou da palavra o vogal-tesoureiro sr. Francisco Gomes Alves Ferreira, sòmente para dirigir ao sr. presidente palavras de apreço sobre o seu programa em elaboração, porquanto, aquêle senhor, continua mostrando à evidência dos factos, o amor consagrado a este Organismo Corporativo.

Ainda sôbre tam magno assunto, o vogal-secretário, sr. Manuel de Araújo, manifestou também a sua satisfação por tal acontecimento, perfilhando, por isso, as palavras do seu colega Alves Fer-

O sr. presidente, usando de novo da palavra, disse considerar-se imerecedor das referências que acaba de ser alvo, precisamente por não ser só êle quem trabalha pelo bem do Sindicato, mas sim todos os componentes da direcção.

Por último, foram colocadas na mesa da presidência 45 inscrições de novos sócios, que devidamente informadas fo-

ram aprovadas.

Não havendo mais nada a tratar, foi encerrada a sessão cêrca das 20 horas.

de Censura

reira da Cunha e Joaquim Ferreira da

Silva Monteiro. Usando da faculdade

que lhe confere o § 1.º do art. 291 do

Cód. Adm., o sr. presidente desempatou

a favor da aprovação do orçamento ordinário da receita e despesa da C. para

o ano económico de 1940, tal como o

ioi apresentado, sem qualquer alteração.

tro Ferreira declarado que depois da última sessão foi informado pelo sr. José

Maria Pereira de Magalhãis Couto, an-

tigo presidente da Câmara, de que o

arquitecto sr. Marques da Silva tinha

oferecido graciosamente à Câmara o

projecto da Avenida entre as ruas de

Santo António, Serpa Pinto, Avenida

Alfredo Guimarãis e Paços Duques de Bragança, - propunha que fôsse revo-

gada a deliberação da autorização do

pagamento da importância de 3.000\$00

respectiva, tomada na última sessão. -

Aprovada por unanimidade,

Proposta: - Pelo sr. presidente foi dito: que tendo o vereador sr. dr. Cas-

AS CORPORAÇÕES MEDIEVAIS MÁ EDUCAÇÃO EM GUIMAPÃIS

1820 — O Liberalismo da Revolu-ção Francesa sai finalmente das trevas macónicas.

Do mesmo golpe se rompem os laços corporativos entre patrões, de fraternalismo entre patrões e operários, de solidariedade entre operá-

Monarquia Orgânica — O nosso regime tradicional até ao século XVII foi a Monarquia Orgânica, em que socialmente o povo vivia integrado nas corporações e politicamente colaborava com o Rei. A demonstrá--lo temos inúmeros factos, citados v. g. em Alexandre Herculano, Gama

Não temos de nos ocupar da parte

Que eram pois as corporações? Duma maneira muito geral podemos dizer que uma corporação era a agremiação de tôdas as pessoas do mesmo ofício ou função social.

Chamavam-se «os mesteres» entre os quais cito o dos carpinteiros, ou-

riveis, tecelões, etc.

Cada «mester» arruava-se e daí as ruas dos Ferreiros, Fanqueiros, Cor-

Internamente cada corporação obedecia a um regulamento próprio. Nela havia quatro graus:

obreiros: trabalhadores não qualificados, não fazendo parte da profis-

aprendizes: exercitando-se e apreendendo;

oficiais: operário já formado, mas que ainda não podia estabelecer lojas; mestres: os que já tinham lojas e empregavam operários.

Para passar a mestre, o candidato tinha de se submeter a um exame, e executar a chamada «obra-prima». Reuniam-se todos os que exerciam

as mesmas funções em grémios. A falta e falibilidade das comunicações impunha naturalmente o carácter municipal, isto é, concelhio dos grémios. Ora estes tinham uma função sobretudo de defesa da profissão, de maneira que precisavam de possuir representação externa.

Para isso cada «mester» delegava dois homens, em geral, os quais se reuniam nas chamadas «Casas dos 24» (Lisboa, Pôrto, etc.) ou dos «12» (Guimarais, Evora, etc.), as quais tinham certa influência nas Câmaras Municipais e dependiam os interêsses profissionais diante do Rei, e até, em cada concelho, os vereadores não podiam lançar certos impostos sem a aprovação dos «mesteirais» constituídos assim representantes dos interêsses do povo, mas não julguemos que só os industriais e comerciantes se agrupavam: chamei há pouco ao nosso regime tradicional Monarquia Orgânica, e era-o realmente porque tudo se achava organizado.

A igreja, as ordens militares, os concelhos, as irmandades e tôdas as corporações se reuniam em cortes mais ou menos periódicas, em que os interêsses discutidos eram harmonizados e orientados « a bem da Nação pela Corôa ».

Mas ao lado dêste aspecto puramente económico, encontra-se o religioso e social. Cada corporação constituia uma confraria, sob a protecção dum santo.

Nela todos eram irmãos: tanto valiam os mestres, como os mais inexperientes aprendizes.

Daí tiravam eles a caridade que animava as suas relações na pobreza, no desamparo, de tal forma que se pode dizer que dentro de cada corporação não havia miséria. Era o espírito religioso a informar a sociedade, enobrecendo o trabalho, criando um espírito colectivo de ideal, realizando o Evangelho em cada passo da vida.

Económica e socialmente tiveram os grémios das artes e ofícios as seguintes funções: «seleccionar os artifíces, excitar neles a aplicação aos offcios, garantir a vida de todos os profissionais, realizar a unidade de patrões e operários, etc.»

UM VIMARANENSE.

Visado pela Comissão O nosso jornal

Vai proceder-se à cobrança do 4.º trimestre. Pede-se a quem se encontra ainda em atraso para satisfazer os seus débitos de maneira a ficar com as contas actualizadas.

Mal sabem as complicações e dificuldades que originam com essas demoras nos nossos serviços administrativos. Isto para os que de boa vontade se prontificam a ajudar-nos, o que agradecemos; para os outros, saberemos usar doutros processos.

Preço da assinatura

Anual 24\$00 Semestre 12\$00 Trimestre 6800

"Revista dos Centenários"

Da Comissão Executiva dos Centenários

Redacção: S. P. N.

Rua S. Pedro de Alcântara, 75

LISBOA

Condições de assinatura

(Pagamento adiantado)

	1 ano	2 anos
Continente e ilhas	25\$00	50\$00
Ultramar	30\$00	60800
Estrangeiro	35\$00	70\$00

Avulso: 2550

Lêde e propagai

"Ressurgimento "

Não pensem os meus leitores que eu vou referir-me à maioria das pessoas residentes nesta antiga e nobre cidade de Guimarãis. Muito longe disso.

Quero só registar, nisto que, ao que me parece, ainda não foi bem notado, a falta de educação de muitas pessoas, a qual é o que eu conheço de mais baixo.

Tenho notado que é tam grande o hábito de tais maneiras, de proceder e de tam longe êle vem, que a pouca gente êle incomodará. Contudo, devo dizer, uma mulher que seja senhora e um homem de educação não poderão ser insensíveis a êsses sons de palavras obscenas que se ouvem aqui e além.

O que noto no caso ainda não é só a linguagem desbragada; é a frequência com que ela é usada.

Quem vem de longe como eu vim há muito tempo nunca se habitua fàcilmente a esta música infernal.

Não sei se alguém terá notado as contracções musculares que se produzem na face dos actores desta farça, quando, com uma entoação especial, êles fazem ouvir a sua voz com manifesto desejo de despertar a atenção de quem os ouve.

E' evidente que indivíduos assim, portadores de taras que os tornarão infelizes tôda a vida, apresentam caracteres físicos e morais especiais.

O corpo é de alguma maneira o reflexo da alma.

E não se pense que é só a gente de pequena condição social que usa umas expressões nada decentes.

Tenho ouvido dizer que em reüniões de pessoas que se julgam elegantes uma palavra ou outra considerada mal criada dispõe bem os

E' talvez um sal de valor, sem se confundir com sal ático de vélhos gregos, a maneira de dizer clara e nobre que êles às vezes usavam. Aquêles que conhecem regularmente a língua portuguesa, tam rica de formas, se por ocasião das Festas Centenárias, visitarem Guimarãis, ficarão bastante surpreendidos ao ouvir uma música tam desafinada de linguagem, semelhante ao toque quási constante dos bombos. Há pois bastante a corrigir nos costumes dêste povo, que poderá ser bem intencionado, mas que incomoda a quem tiver um ouvido pouco habituado a palavras que se não devem pro-

Até me parece que se D. Afonso Henriques viesse assistir às festas que comemorarão os brilhantes feidos Portugueses, dos quais êle foi um dos maiores, não notaria grande diferença na linguagem considerada debaixo do ponto de vista

Mas é caso para preguntar se costumes seculares poderão ter correcção sensível, sendo certo que pertencem ao carácter do povo.

Eu creio que sim. Pode dar-se uma tal ou qual correcção nos cos-

A questão é que alguém ligue importância a êste assunto.

UM SERRANO.

Ex.mo Sr. Director do Ressurgimento e seus colaboradores.

Costuma dizer-se quando alguma mulher se serve dos meios ao seu alcance para obter do seu semelhante o que melhor lhe convém!... esta,... é bem filha de Eva!!!

Parece o meu caso... Necessito do perdão de todos, pois o meu silêncio junto das amigas motivou a falta das Cartas... no Ressurgimento!

Agora, dirigindo-me a todos V. Ex. at deu talvez ensejo a que façam algum juízo temerário... supondo que venho com pezinhos de lã... abafar o merecido castigo!... Pois acaute-lem-se e não pequem, porque, verdade sincera, é que me apeteceu desejar--lhes a todos um Novo Ano de prosperidades.

Que venham, graças às mãos cheias, e ainda um voto; que surja, quem possa diferentemente desta insignificante "Angelis", trazer a êste jornal

uma colaboração condigna. As "Boas-Festas" éste ano pare-

cem-me descabidas!

Sofri muito este Natal ao considerar como o Mundo concebia em si êste antagonismo! festejar... o nascimen-to do "Deus Menino", que incarnou para nos remir e salvar, para trazer a "paz", andando tudo em guerra!!!

Manda Jesus que nos amemos uns aos outros!... isto é amor?!... que sejamos como Irmãos... Mas então a humanidade tornou-se fratricida?!... que incoerências!... Como se cumpre

a doutrina de Cristo?!... Recordo agora as palavras da Salvè Rainha! - e depois déste desterro! -Sim, é bem um destêrro êste, que só parece satisfazer os homens, com ambições, com falsas honras, com tiranias, com verdadeiros barbarismos, com o aniquilamento de tudo, quanto é "nobre e belon!!

E... foi por isto, por saber quais os sentimentos "altruistas" que animam, não só a pessoa do Ex.mo Director deste jornal, como a de todos os seus colaboradores, que eu... verdadeiro "nada" quis vincar, por meio desta pobre carta, o meu desejo de que em 1940 êste jornal possa tomar marcada preponderância e consiga, vencendo todos os obstáculos, ser um verdadeiro Ressurgimento.

ANGELIS.

A persistência da utopia

Palavras recentes de Benès:

«Um novo regulamento pacífico europeu deve inspirar-se nos seguintes princípios: instituïção universal base política de paz sob a forma duma democracia mais perfeita e dum melhor sistema de segurança colectiva. O ideal duma Europa livre só encontra a sua verdadeira expressão num sistema social e político democrático.»

Um colaborador da Revue des idées et des institutions risonhamente observa, a propósito, que Benès depois de yencer a Alemanha e a Rússia, teria, para obter a sua paz, que declarar a guerra à Itália, à Espanha, a Portugal, à Iugoslávia, à Roménia, à Grécia...

Seria emprêsa demasiada para as fôrças do sr. Benès!

CARTAS... Festas Centenárias

Entramos já no Ano Aureo das comemorações do duplo centenário da Fundação e Restauração de Portugal, Dividem-se as festas em três ciclos: a Fundação, a Expansão e a Restauração. O primeiro tem o seu início nesta cidade de Guimarãis. Ele será a portada monumental dos fastos a comemorar. Tôdas as ideas lançadas com o fim de tornar o mais esplendorosas possível as Festas na Cidade-Berço merecerão do «Ressurgimento» a sua aceitação. Alguns problemas que surgem ligados as Festas aqui, neste cantinho, serão esplana-

Entrada à porta da vila

Era de velho uso, entre nós, ir a vereação, em corpo de câmara, receber à «Porta da Vila» as pessoas ré-

Ali fazia-se a cerimónia da entrega das chaves que fechavam o bur-

go amuralhado.

Hoje, é certo, já não há o muro circuitante e respectivas portas que protegiam a população do vélho burgo afonsino. Não obstante isso, quem dirá que se não justifique a restauração dessa cerimónia em

Recordaremos que, em 1852, por ocasião da élevação da «Vila» de Guimarais à categoria de «Cidade», semelhante cerimónia teve lugar pela última vez entre nós - embora já nessa época não existisse, nem muralhas, nem portas da vila.

A chave que serviu a êsse acto de solene revivescência, encontra-se no museu da Sociedade de Martins Sar-

Prégão anunciador das festas

Em tempos passados o Município vimaranense usava anunciar os grandes actos oficiais com charangas e tambores. Então o Pregüeiro, fazia ouvir o édito municipal. Algumas vezes os elementos oficiais faziam companhia a êste bando, erguendo o Vereador mais vélho a bandeira da Câmara.

Por ocasião da celebração do IV centenário de Gil Vicente, em 1902, fez-se uma demonstração análoga.

Achamos que se devia fazer um acto análogo, tratando-se, como é evidente, de acto histórico da maior transcendência.

Jornada de S. Mamede

A Batalha de S. Mamede que no dizer da « Cronica Gothorum » se feriu junto do Castelo de Guimarāis, teve como seu principal centro de acção o « campo de Ataca », topónimo que a tradição ainda conserva em um lugar que fica a alguns quilómetros do citado Castelo.

Erigir ali um obelisco, comemorativo dêsse primeiro acto bélico que marca o advento da formação do reino, seria perpetuar não só a glória de D. Afonso Henriques, mas igualmente a dos seus homens de

A cerimonia da sua inauguração estava indicada que fôsse no dia 1.º consagrado ao nascimento de Por-

Pobres no inverno

Em momento oportuno, lançou a benemérita instituïção, que se denomina «Campanha de Auxilio aos Pobres no Inverno», um novo apêlo à generosidade dos portugueses abastados ou remediados, para que não fôssem esquecidos aquêles dos seus compatriotas que nada possuem, durante estes meses agrestes de invernia.

Todos os anos, a referida Campanha de Auxilio realiza uma esplêndida e farta colheita de donativos. expressa em artigos de vestuário, objectos considerados de primeira necessidade na vida cotidiana, géneros alimentícios, etc., etc. Nem uma só vez foram desmentidos os sentimentos humanitários e cristãos das pessoas solicitadas a tam louvável acto de solidariedade e a Campanha tem podido, assim, levar a efeito a sua tarefa, fazendo entrar um pouco de confôrto e alegria em centenas de famílias totalmente desprotegidas da sorte.

Uma peça de roupa já em desuso, um vélho cobertor pôsto de parte, tôdas as dádivas emfim, ainda as mais modestas, servem êste belo objectivo de tam largo alcance social e moral. E se em qualquer período do inverno ou mesmo do ano, há sempre oportunidade para colaborarmos numa boa obra, nesta quadra do Ano Novo que coincide, para mais, com a entrada do grande ciclo das festas e comemorações do Duplo Centenário, em que se celebram os altos sentimentos cristãos da Pátria - parece que há dobrada razão para intensificarmos e tornarmos da maior eficiência tôdas as cruzadas de nobilíssimo significado social e espiritual, como é esta da «Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno».

Muito tem feito o Estado Novo, no sentido de melhorar as condições de vida das classes pobres, já reforçando as verbas da Assistência Pública, já substituindo imundos casebres por habitações higiénicas e confortáveis, já estimulando e patrocionando as iniciativas particulares dêste género. Porém, compreende-se perfeitamente que se torna impossível aos governantes alastrar a acção do Estado a todos os necessitados de momento. Precisa-se, pois, da colaboração de cada um de nós, por dever de consciência e de solidariedade social. Eis o que pedimos aos nossos leitores, generosos e cristãos, os quais poderão enviar os seus donativos para o Ministério do Interior, em nome da referida «Campanha de Auxílio aos Pobres no Inverno».

Avenida dos Pombais

O Diário do Governo de 3 do corrente publicou uma portaria do Sr. Ministro das Obras Públicas relativa à Avenida dos Pombais. Por ela foi anulado o saldo da comparticipação que lhe havia sido concedida em portaria de 10 de Janeiro de 1935.

Para que os nossos leitores veiam como o Estado tem contribuído e está pronto a contribuir para o progresso de Guimarãis, vamos apresentar-lhes alguns factos relativos à dita Avenida dos Pombais.

Esta artéria foi iniciada pela Comissão Administrativa da Câmara a que presidiu o Sr. Dr. João Rocha dos Santos, em 1933. Não se pediu para as respectivas obras a comparticipação do Estado e os trabalhos estavam interrompidos, quando a vereação foi substituída, em meados de Junho de 1934, por outra da presidência do Dr. José Francisco dos

Esta comissão administrativa, que não interrompeu uma única das obras em curso, é bom que se acentue, entendeu que se deviam prosseguir os trabalhos da Avenida dos Pombais onde se tinham já dispendido mais de duas centenas de contos.

Não estava, porém, disposta a dar comêço aos trabalhos sem a comparticipação do Estado. Empenhou

por isso os melhores esforços para a conseguir, sendo de justica salientar o grande interêsse que pelo caso tomou o governador civil de então, sr. Capitão Lucínio Prêsa, hoje Major. O Sr. Ministro das Obras Públicas acedeu às pretensões da Câmara de Guimarāis e em 10 de Janeiro de 1935 publicava o Diário do Govêrno a respectiva portaria.

As obras iniciaram-se, concluíram--se os muros de suporte, fez-se a terraplanagem e adquiriram-se os paralelipípedos para a pavimentação. A Câmara pretendia aumento de comparticipação e, como pela entidade fiscalizadora fôsse sugerida uma alteração ao projecto, aproveitou a ocasião para apresentar o pedido de aumento de comparticipação. A Junta Autónoma das Estradas propôs então que se liquidasse a comparticipação respeitante aos trabalhos já executados e que se fizesse um novo pedido de comparticipação para as obras de pavimentação, conforme o novo projecto. Foi o que se têz e cremos que é essa nova comparticipação que se aguarda.

Parece-nos que é propícia a ocasião para se instar junto de S. Ex.º o Sr. Ministro das Obras Públicas para que a conceda. Nas festas centenárias aquelas obras devem estar concluidas.

A comparticipação que a Câmara recebeu ressalta dos dados seguintes:

Comparticipação concedida por portaria de 10 de Janeiro de 1935 Saldo anulado por portaria de 27-12-39 . .

169.279848 60.503\$33

Comparticipação que entrou nos cofres da Câmara

108.776\$15

VERAX.

ta se tal

Igi

pe Ma

no

sa;

no

ma

va

tu

nā

no da tu 861